



- Leitor iniciante
- Leitor em processo
- Leitor fluente

RICARDO CHAVES PRADO

Uma cor só minha O diário de um daltônico

ILUSTRAÇÕES: ANNA ANJOS

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

- Leitor em processo – 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõe-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



Uma cor só minha O diário de um daltônico

RICARDO CHAVES PRADO



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Filho de um professor de Língua Portuguesa e de uma leitora incansável, Ricardo Chaves Prado cresceu entre livros. Assim, lia tudo o que aparecia em sua frente, especialmente as coleções de vida selvagem. Após tomar a decisão de se tornar jornalista, entrou na Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1981, com 18 anos de idade. Mais tarde se tornou editor de revistas, trabalhando em títulos como: *Capricho*, *Superinteressante*, *Náutica*, *Nova Escola*, *Carta na Escola* e em várias outras publicações. Além deste *Uma cor só minha – O diário de um daltônico*, também escreveu outro livro, intitulado *A fala do céu*.



RESENHA

Francisco não tinha “Dalton” em seu nome. Acontece que, por conta de sua irritante irmã mais velha, esse apelido infame se espalhou, e todo mundo na escola descobriu aquilo que ele próprio sabia há tão pouco tempo: que as cores que via eram só suas, quer dizer, que ele não as enxergava do mesmo jeito que todos os outros. Isso significava que Francisco era daltônico, como John Dalton, o mesmo cientista inteligente que criou a teoria do átomo, e como o

tal do Van Gogh, pintor cujos quadros eram caros, caríssimos, e que, além de revolucionar o trabalho com cores na pintura, foi maluco o suficiente para cortar a própria orelha e dá-la de presente a um amigo ou a uma mulher (para qual dos dois teria sido, ninguém tinha certeza). Era esquisito ser assim, diferente dos outros, mesmo que seu problema não fosse tão grave quanto o de Beethoven, que tinha ficado totalmente surdo, ou então o de Ray Charles, que tinha ficado cego de verdade. Mas esses dois não eram pobres coitados de jeito nenhum, já que tinham arranjado um jeito de continuar fazendo música e no fim das contas ficaram bem famosos... Além do mais, logo, logo ele ia perceber que ser diferente também podia ter suas vantagens: seu “defeito” foi o responsável pela vitória do seu time na gincana da escola – ele era o único a enxergar no meio da mata os uniformes camuflados dos adversários, como se tivesse superpoderes. Foi aclamado General Dalton e, de quebra (e isso era o melhor de tudo), ganhou um beijo da menina mais bonita da classe...



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Ricardo Chaves Prado constrói com sensibilidade e delicadeza os questionamentos de seu protagonista adolescente a respeito de identidade e diferença. Mais do que um livro que se debruça apenas sobre a questão do daltonismo, *Uma cor só minha* trata do momento crucial em que o jovem, ao desejar ardentemente se inserir em um grupo, se dá conta, muitas vezes de maneira incômoda e um tanto dolorosa, da sua singularidade, limitações e características únicas que, ao mesmo tempo que o separa dos demais, permitem que Francisco se destaque no meio deles e perceba as próprias potencialidades. Não é possível fazer de conta que não existem entraves pelo caminho: assumir-nos como somos significa ter ganhos e perdas. Para tratar da diferença entre “ver” e “olhar”, explorar o fato de que cada um de nós absorve suas experiências de maneira própria e única, o autor nos remete às trajetórias (árduas, por sinal) de artistas como Beethoven, Van Gogh e Ray Charles. Embora trate de assuntos delicados, o livro mantém o tempo todo um tom bem-humorado, afetivo, leve.

Área envolvida: Língua Portuguesa.

Tema transversal: ética.

Público-alvo: 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Comente com seus alunos que o livro que estão prestes a ler é escrito em forma de diário. Pergunte quais deles mantêm, ou em

algum outro momento da vida mantiveram, o hábito de escrever um diário. Quais temas mais recorrentes apareciam em seus registros? Costumavam escrever diariamente ou com grandes intervalos? Deixavam que alguém lesse o que escreviam? Qual a sensação de ler, tempos depois que tudo passou, reflexões de momento sobre determinada situação de sua vida?

2. Revele à turma o título e o subtítulo do livro. Não se trata pura e simplesmente de um diário, mas do “diário de um daltônico”. Há algum daltônico na turma? Algum dos alunos possui uma pessoa próxima que tenha essa dificuldade? Proponha que realizem uma pesquisa a respeito do daltonismo. Por que esse nome? Como foi descoberto? Quais suas prováveis causas? Quais os tipos de daltonismo?

3. Leia com a classe o texto da quarta capa do livro. Chame atenção para o trecho: “Acho que ninguém gosta de se sentir diferente dos outros. É engraçado, porque a gente quer ser o que ninguém é, como ninguém é. Ninguém pode ser um Francisco como eu. Mas, ao mesmo tempo, a gente quer ser igual a todo mundo. Pelo menos do lado de fora”. Sugira que seus alunos, em pequenos grupos, discutam esse trecho. Em que situações da vida a gente quer ser igual a todo mundo? Em que situações “a gente quer ser o que ninguém é”?

4. Leia com os estudantes a seção *Autor e obra*, ao final do livro, em que Ricardo Chaves Prado nos conta um pouco sobre a sua vida, revelando, entre outras coisas, que ele próprio é daltônico e como isso o incomodava muito menos do que o fato de precisar usar óculos... Proponha que cada aluno escreva uma pequena biografia, de no máximo duas páginas, contando os momentos que considera mais importantes de sua trajetória.

5. Depois de estudar edição de filmes, Ricardo Chaves Prado tornou-se editor de revistas. O que exatamente faz um editor? Peça que realizem uma pequena pesquisa.

Durante a leitura:

1. Solicite a seus alunos que procurem notar o que muda no cotidiano e na visão do protagonista sobre si mesmo a partir do momento em que ele se descobre daltônico.

2. Peça que leiam o texto prestando especial atenção à questão da identidade e da diferença, já discutida em pequenos grupos. Em quais momentos Francisco deseja ser igual a todo mundo, se incomoda com a sua diferença? E em quais quer ser o que ninguém é, ou nota as vantagens de ser diferente?

3. Enquanto escreve em seu diário, em muitas ocasiões Francisco é perturbado pela interferência “dela”, personagem que ele prefere deixar sem nome – sua irmã mais velha. O que podemos descobrir, nesses trechos, a respeito das características da personagem anônima e da relação entre os dois irmãos?

4. Veja se percebem como, em diversos pontos do texto, o narrador fica em dúvida a respeito da ortografia de determinadas palavras.

5. Proponha que atentem para as ilustrações de Anna Anjos, detectando as relações entre texto e imagem.

Depois da leitura:

1. Sugira que a turma realize uma pesquisa a respeito da vida (trágica, por sinal) e da obra de Vincent van Gogh. Traga livros de arte que reproduzam seus trabalhos para que seus alunos apreciem. Observe se notam como o pintor apresenta um estilo próprio, reconhecível – suas pinceladas fortes, suas cores intensas. O belo filme *Sonhos*, de Akira Kurosawa, possui um episódio, *Corvos*, em que um homem, após contemplar as obras de Van Gogh num museu, é transportado para Arles, cidade onde o artista realizou boa parte de seus trabalhos, e encontra-se com o próprio pintor. Assista ao episódio com a turma.

2. Numa certa “forçada de barra”, no entender de Francisco, seu pai, ao conversar com o filho a propósito de seu daltonismo, menciona a trajetória dos músicos Ludwig van Beethoven, que no final da vida continuava a compor mesmo depois de se tornar completamente surdo, e de Ray Charles, cego desde os sete anos de idade. Proponha que a turma se divida em dois grupos e que cada um realize uma pesquisa sobre um dos dois artistas, trazendo algumas de suas composições para ouvir com o restante da classe.

3. “Ela”, a irmã mais velha, não deve ter ficado nada satisfeita com essa história do seu nome não ter sido mencionado no livro. Podemos imaginar que “ela” não vai deixar de dar o troco... Proponha que seus alunos escrevam um texto em primeira pessoa no qual a irmã se apresenta para os leitores, se defende das acusações do irmão e revela seus planos de vingança.

4. Francisco conta, ao final do livro, que seu tio Nei conheceu uma mulher argentina chamada Mercedes, que não via cor nenhuma. Como será viver num mundo sem cor? Provavelmente ela deve ter sofrido um bocado durante a adolescência, até se aceitar como é... Peça que seus alunos imaginem que Mercedes, aos treze anos de idade, também escrevia num diário, e, em seguida, redijam um texto colocando-se no lugar dela. Como seria sua vida? Quais as suas inquietações?

5. Ao final do livro, o menino elabora uma *Lista das coisas que aprendi no ano passado*. De fato, a cada ano, descobrimos muita coisa, e muito se transforma a nossa maneira de pensar... Peça que cada aluno escreva sua própria lista de descobertas do ano anterior.



NAS TELAS DO CINEMA

Em *A vida em preto e branco*, de Gary Ross, dois adolescentes dos anos 90 são misteriosamente levados para dentro do mundo em preto e branco de um seriado de TV dos anos 50, intitulado *Pleasantville*. Em *Pleasantville*, tudo funciona de modo perfeitamente ameno e regular: a mamãe sempre tem um gostoso bolo de carne no forno, o time da casa nunca perde e namoro é um tímido beijo

na bochecha. Acontece que os dois jovens chegam a esse universo com ideias próprias, apaixonadas e desafiadoras. À medida que a vida começa a brotar em toda a sua confusão e imprevisibilidade, a pacata vila e seus habitantes começam a revelar suas verdadeiras cores. Distribuição: Warner Home Video.



LEIA MAIS...

1. DO MESMO AUTOR

- *A fala do céu*. São Paulo: Global.

2. DO MESMO GÊNERO

- *O diário de Anne Frank*, de Anne Frank. Rio de Janeiro: Record.
- *As mil taturanas douradas*, de Furio Lonza. São Paulo: Editora 34.
- *O diário de Zlata*, org. de Zlata Filipovic. São Paulo: Companhia das Letras.

LEITURA DE DESAFIO

É impossível debruçar-se sobre o universo de Vincent van Gogh sem se deparar com a figura de seu irmão, Théo van Gogh, que sustentou e apoiou o artista, genial, porém temperamental e problemático. Sugerimos a leitura da compilação de cartas que o pintor escrevia ao irmão, *Cartas a Théo*, publicada pela L&PM. Nela é possível encontrar a descrição das obras, a formulação do complexo e avançado pensamento estético de Van Gogh e a trajetória da evolução da sua própria loucura. Um material emocionante e revelador, tanto pela sua obsessiva convicção de que era realmente um artista, como também pela paradoxal consciência da própria loucura.